



## **DISCURSO DA PRESIDENTE DA ABC, HELENA BONCIANI NADER, NA SESSÃO SOLENE DE DIPLOMAÇÃO DE NOVOS MEMBROS NA ESCOLA NAVAL, EM 10 DE MAIO DE 2023**

Inicialmente gostaria de saudar aos membros da mesa:

Caras e caros colegas acadêmicos recém empossados e seus familiares

Senhoras e Senhores

Boa noite a todas e todos

Esta reunião acontece graças ao empenho e ao trabalho exaustivo das queridas Acadêmicas Debora Foguel e Maria Vargas, que coordenaram esse evento científico desde a decisão sobre os temas até os palestrantes a serem convidados. Agradeço também às funcionárias e aos funcionários da ABC pelo excelente trabalho realizado em todas as etapas dessa reunião magna. Finalmente, agradeço ao apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, da Fundação Conrado Wessel e da Marinha do Brasil.

Quero saudar de forma especial às 8 acadêmicas e aos 9 acadêmicos das diferentes áreas do conhecimento que foram empossados nesta sessão solene. Estamos orgulhosos de tê-los como parte da ABC e de podermos contar com vocês para continuar a mostrar o valor da ciência na resposta aos desafios da sociedade. Cumprimento também a todos os seus familiares. Saúdo os 8 membros correspondentes da nossa Academia e agradeço a relevante participação e contribuição que têm dedicado à Ciência brasileira.

Finalmente, em nome da Academia Brasileira de Ciências, gostaria de agradecer a presença de todas e todos nessa sessão festiva da Reunião Magna 2023 que tem como tema **Ciência Básica para o Desenvolvimento Sustentável**, como parte das comemorações do **Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável**, assim definido pela ONU e pela Unesco. A sustentabilidade aqui está sendo entendida não apenas no sentido ambiental, mas em especial nos seus diversos desdobramentos sociais: cultura, educação, saúde, segurança alimentar, inovação, economia.

É impossível ouvir a palavra sustentabilidade, sem lembrar dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, do qual o Brasil foi um grande protagonista, mas que nos últimos 4 anos se afastou buscando inclusive apagar esses compromissos. A Agenda 2030 retorna agora ao Brasil e com muita força e protagonismo nesse cenário global. Os ODS são um apelo para que os países de forma coletiva trabalhem para acabar com a

pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Só temos mais 7 anos.....

Mas para mim, e acredito que para todos que estão neste belo auditório, 2023 está sendo mesmo um ano cheio de significados, é o ano que trouxe de volta a esperança, a **democracia**.

Em dezembro do ano passado, fui convidada pela revista Science a escrever um editorial sobre o que aguardava o Brasil nos meses vindouros, intitulado “Science urgencies for Brazil” – (Urgências da ciência para o Brasil). Acredito que tenha sido relativamente bem sucedida nesse exercício de futurologia.

Ponderei, na ocasião, que o novo governo teria pela frente seus maiores desafios – ainda mais complexos do que aqueles que se apresentavam vinte anos atrás. Ressaltei o combate à fome e à pobreza – duas crises que continuam tão prementes quanto naquele momento pós-eleição – como prioridade máxima para o já eleito presidente Lula.

Apontei que no século 21, os países estão se concentrando no desenvolvimento de capacidades para criar conhecimento científico e tecnologias para melhorar o bem-estar social. A ciência e a educação surgem assim como prioridades. Salientei, que era necessário que o nosso presidente eleito recompusesse o orçamento dos setores de educação e CT&I do país. O investimento em ciência e educação é especialmente importante em especial pela população jovem do Brasil, que precisa ser adequadamente educada e receber os tipos de oportunidades que a inovação pode criar.

No entanto, apontei que o novo governo enfrentaria um desafio sem paralelo, uma vez que o orçamento para 2023 apresentado pelo governo Bolsonaro não contemplava os gastos básicos necessários.

Escrevi que as frentes prioritárias deveriam ser trabalhadas ao mesmo tempo em que nos caberia, enquanto nação, restabelecer nosso papel de protagonista da questão ambiental diante do mundo. Mas concluí em tom otimista: diante de tantos e tão complexos desafios, ao menos sabemos se tratar de um governante que havia reiteradamente afirmado seu compromisso com a educação e a ciência.

O Brasil volta à cena internacional e retraça seu caminho de retorno ao protagonismo em questões ambientais diante do mundo. Os direitos humanos começam a voltar ao lugar de onde nunca deveriam ter saído. Mas é tempo também de voltar a cobrar, fiscalizar sem alívio e fazer valer obrigações e compromissos assumidos.

Já tivemos, claro, avanços – pontuais, mas importantes – como o reajuste das bolsas da iniciação científica ao pós-doutorado e a recomposição de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mas precisamos de mais. A reindustrialização do país só acontecerá com muita ciência. Todos nós admiramos os livros da grande economista, pesquisadora, Mariana Mazzucatto – um deles o estado empreendedor. Para

tomarmos o rumo de um crescimento econômico inteligente, inclusivo e sustentável, os pesquisadores Mariana Mazzucato e Caetano Penna propõem uma política de inovação orientada por missões, capitaneada pelo Estado e em parceria direta com o setor privado. Nela, é fundamental que o Estado assuma o papel de tomador de riscos, mantendo-se aberto a experimentações. Nas palavras dos pesquisadores, o objetivo é tornar possível o investimento "em todo o processo de inovação, das pesquisas básicas até o estágio final de financiamentos de empresas", para que se alcance maior impacto no desenvolvimento econômico nacional.

No médio e longo prazo, esse reerguimento da ciência como prioridade de Estado passa por um esforço concentrado para dar às crianças e aos jovens brasileiros uma educação compatível com as demandas do nosso século. A hora de investir em todos os níveis educacionais, da creche à universidade, é agora. De fato, a partir de 2050, a população dita economicamente ativa —com idades entre 25 e 64 anos— estará em declínio, enquanto os maiores de 65 estarão em franca ascensão. Segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), quase 30% dos brasileiros entre 25 e 34 anos hoje não têm ensino médio. São dados que nos fazem temer pela aposentadoria dessa futura população idosa. Se agora, em sua juventude, não lhes é dado o acesso a uma qualificação profissional para empregos que não se tornem obsoletos nas próximas décadas, será possível manter níveis dignos de vida em seus anos finais? Na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, o Conselhão, na última 5ª feira, apontei esses dados, insistindo que Ciência é transversal a todos os ministérios e que sem educação para o século 21 estaremos preparando o país para uma grande crise.

A programação desta Reunião evidencia como a ciência pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da nação brasileira. Temos por exemplo uma sessão dedicada à saúde dos povos originários e outra para debater o papel da ciência no combate à fome. Estamos também alertas em relação ao acompanhamento da grave situação dos povos Yanomami, no que diz respeito a seus direitos mais básicos de uma vida segura e livre de ameaças exógenas.

Mas estamos vigilantes em relação a novas ameaças, como a Medida Provisória 1150/22 já aprovada na Câmara, que deixa em suspenso a restauração de mais de 20 milhões de hectares, e ainda permite o desmatamento de florestas até então intactas na Mata Atlântica, na contramão de leis já vigentes de proteção ao bioma.

Histórias de sucesso como da Embraer, Embrapa, Petrobras em águas super profundas, não se repetirão em nosso País, sem a reconstrução da nossa CT&I. Não há país com economia moderna e competitiva que não invista pesado em ciência, tecnologia e inovação. São economias que geram emprego e renda nos patamares mais elevados do planeta.

E continuaremos cobrando de muito perto nosso principal pleito enquanto Academia Brasileira de Ciências, tantas vezes reiterado: é urgente elaborar e cumprir uma política de Estado digna deste nome para educação e ciência. Porque é só por meio delas que

conseguiremos sair da crise atual e evitar outras futuras. É o que falta para que consigamos avançar verdadeiramente em termos civilizatórios, e não apenas do progresso pelo progresso.

Meu mantra continua a ser: educação e ciência não são gastos mas investimentos.

Encerro com uma frase atribuída a Chico Buarque de Holanda: “As pessoas têm medo de mudanças. Eu tenho medo que as coisas nunca mudem!”